

VULNERABILIDADE E DORORIDADE EM RETRATOS RELATOS DE PANMELA CASTRO¹

VULNERABILITY AND DORORIDADE IN PANMELA CASTRO'S HERSTORY

Gabriela Traple Wieczorek²
PPGAV/UFRGS
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a série *Retratos Relatos (HerStory)* da artista brasileira Panmela Castro em sua relação com conceito de dororidade (Piedade, 2020) e aspectos de resistência e vulnerabilidade (Butler, 2016). *Retratos Relatos*, iniciada em 2019, é um conjunto de pinturas que emerge da escuta ativa da artista a relatos de mulheres e dissidências de gênero sobre experiências com diferentes níveis de violência de gênero. As obras são expostas em conjunto dos relatos, enviados por e-mail ou escritos de próprio punho pelos sobreviventes retratados. Complementando nosso aporte teórico, estão a pesquisa sobre a violência de gênero e o “mandato da masculinidade” de Rita Segato (2016), e os apontamentos de Verónica Gago (2020) sobre mobilizações feministas e a necessidade de questionamentos coletivos baseados em experiências individuais, mas interligadas.

Palavras-Chave: Dororidade. Feminismos. Panmela Castro. Pintura. Violência de gênero.

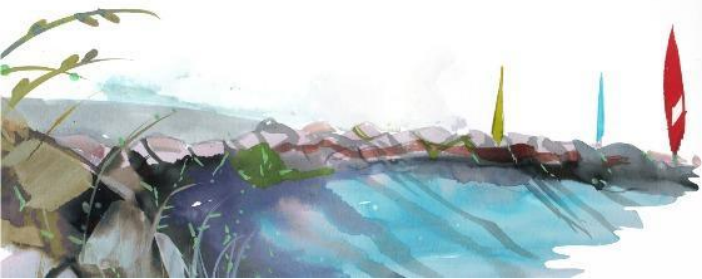
ABSTRACT

This paper discusses the series Retratos Relatos (HerStory) by Brazilian artist Panmela Castro in relation to the concept of dororidade (Piedade, 2020) and aspects of resistance and vulnerability (Butler, 2016). Retratos Relatos, which began in 2019, is a collection of paintings that emerged from the artist's active listening to accounts from women and gender dissident individuals about their experiences with varying levels of gender-based violence. The artworks are exhibited alongside the narratives, which are sent via e-mail or handwritten by the featured survivors. Complementing our theoretical framework are Rita Segato's (2016) research on gender-based violence and the “mandate of masculinity” and Verónica Gago's (2020) insights on feminist mobilizations and the need for collective questioning based on individual yet interconnected experiences.

KEYWORDS: Dororidade; Feminisms; Panmela Castro; Painting; Gender violence.

Introdução

Trabalhando originalmente com grafite no subúrbio do Rio de Janeiro sob o pseudônimo Anarkia Boladona, a artista Panmela Castro (1981, Rio de Janeiro) desenvolveu um interesse na interação entre seu corpo feminino marginalizado e a

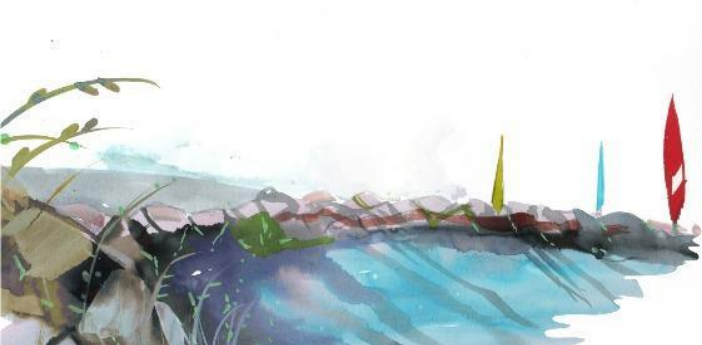


paisagem urbana, e foi uma das primeiras grafiteiras a pichar os trens na região metropolitana do Rio. Sua prática artística foca na construção de performances informadas por experiências pessoais, visando fomentar a afetividade recíproca com indivíduos que compartilham realidades vividas semelhantes. Esses engajamentos se manifestam em diversas formas, incluindo vídeo, fotografia, objetos e pintura. A intersecção do trabalho artístico de Castro com o ativismo pelos direitos humanos e o feminismo resultou na fundação da Rede NAMI³ em 2010.

Panmela, que também já falou abertamente sobre suas experiências com violência de gênero, aborda o tema em diversas de suas obras. É o caso de *Caminhar e Femicídio*, ambas de 2017, *Vestido* de 2019, e *Bandeira ou Femicídio de Pindorama* de 2022, todas da série *Indumentária Marcada*, na qual a artista utiliza manchas de tinta vermelha em vestidos e tecidos brancos.

Neste artigo pretendemos discutir a série de pinturas *Retratos Relatos (HerStory)*, sob a ótica da colaboração feminista e do ativismo artístico, abordando como Castro emprega e incentiva uma vulnerabilidade radical (Butler, 2016), inspirada no conceito de dororidade cunhado pela escritora e ativista afro-brasileira Vilma Piedade (2020). Isso ocorre ao longo de seu processo criativo, à medida que os retratos são feitos durante uma conversa aberta e livre de julgamentos com cada pessoa retratada, às vezes em seu estúdio, mas frequentemente em instituições culturais onde o público é convidado.

Nossa análise abrangerá como a colaboração da artista com as pessoas retratadas está alinhada ao trabalho de outras artistas feministas que amplificam vozes de sobrevivência e denunciam a lógica patriarcal que permite e encoraja a violência de gênero. Discutiremos essas dinâmicas com base nos apontamentos de Verónica Gago (2020) sobre mobilizações feministas e a necessidade de questionamentos coletivos baseados em experiências individuais, mas interligadas. Além da pesquisa de Rita Segato (2016) sobre as estruturas da violência de gênero, discutindo o “mandato da masculinidade” para evidenciar como essa violência, em suas diferentes manifestações, está intrinsecamente ligada a um arcabouço mais amplo de violência econômica, política, institucional, laboral e colonial.



Retratos Relatos

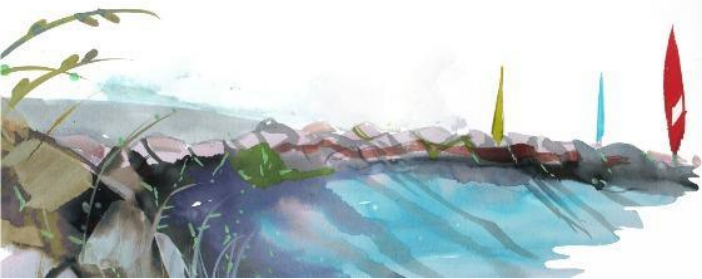
A série *Retratos Relatos (HerStory)*, foi iniciada em 2019 e concebida como um projeto artístico de longa duração que aborda a complexidade da violência de gênero. A iniciativa baseia-se na criação de um conjunto de retratos que emerge da escuta ativa da artista aos relatos de mulheres cisgênero, mulheres transgênero e pessoas com identidades de gênero dissidentes acerca de suas vivências com distintos níveis de violência de gênero. As pinturas, frequentemente em óleo sobre linho, são apresentadas em formato de díptico justapostas às narrativas textuais apresentadas pelos relatos dos sujeitos retratados “consolidando a união entre a representação visual e o testemunho oral” (Castro, n.d.). Esses testemunhos são enviados por e-mail e redes sociais previamente, ou escritos de próprio punho, evidenciando uma prática artística que integra a voz das sobreviventes ao processo criativo.

A série, além de expor as diferentes manifestações da violência de gênero — psicológica, moral, física, sexual e patrimonial — também enfatiza a importância dos mecanismos de proteção e denúncia. Castro, ao dar visibilidade a histórias de sobrevivência, como a de Dr.^a Cristina Lopes Afonso (Imagem 1), cujo caso contribuiu para a promulgação da Lei Maria da Penha⁴, busca reforçar a relevância de estratégias de mobilização social no combate e prevenção da violência de gênero no Brasil.



Imagem 1. CASTRO, Panmela. *Dr.ª Cristina Lopes Afonso*, 2021. Série *Retratos Relatos*. Óleo sobre linho e caneta esferográfica sobre papel sulfite. Díptico. Pintura: 120 x 90 x 8 cm. Manuscrito: 104 x 34 x 4 cm. Fonte: <https://www.panmelacastro.com>

Em seu depoimento, Dr.ª Cristina Lopes Afonso relata o episódio, ocorrido em 1986 quando ela tinha 20 anos, em que seu então companheiro a agrediu e ateou fogo em seu corpo, resultando em queimaduras que cobriram 85% de sua superfície corporal (CNJ, n.d.; Portal da Alego, 2023a). Cristina havia se formado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1985 e havia sido aprovada para uma pós-graduação na Alemanha. Até o dia do ataque, o marido de Cristina nunca havia a agredido fisicamente, apesar de perpetrar violência psicológica. Embora o agressor tenha sido condenado a uma pena de 13 anos e 10 meses de prisão, a lentidão e as deficiências do sistema jurídico da época para lidar com crimes de violência doméstica ressaltaram a necessidade de uma legislação mais robusta (CNJ, n.d.). Após a recuperação, Cristina se formou em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, foi chefe do serviço de Fisioterapia do Pronto Socorro para Queimaduras de Goiânia e Instituto Nelson Pícolo de 1990 a

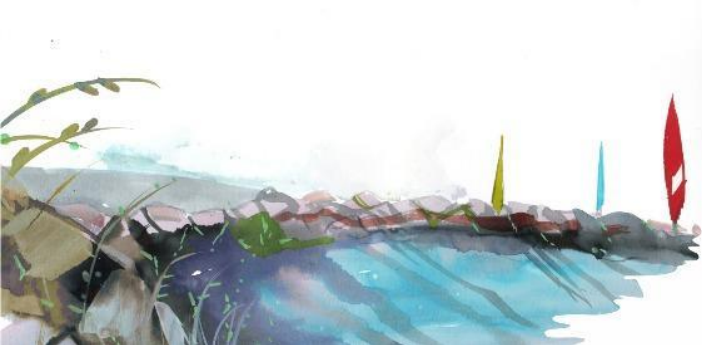


2014. Também presidiu a Comissão Nacional de Prevenção da Sociedade Brasileira de Queimaduras e O Conselho Científico do Núcleo de Proteção aos Queimados. Além de seu trabalho com vítimas de queimaduras, Dr.^a Cristina passou a se engajar ativamente na defesa das vítimas de violência doméstica em um contexto de escassez de políticas públicas eficientes.

O caso de Cristina foi um dos casos emblemáticos ocorridos nos anos oitenta, mesmo período em que Maria da Penha sobreviveu a duas tentativas de feminicídio. Neste caso, entretanto, a justiça tardou a punir o companheiro. Na primeira tentativa, durante uma simulação de assalto, Maria levou um tiro nas costas enquanto dormia e a lesão a deixou paraplégica. Após um período de internação, cirurgias e convalescença, Maria voltou para casa. O marido a manteve em cárcere privado e tentou eletrocutá-la durante o banho. Sobrevivendo mais uma vez, ela entra na justiça. Marco Antonio saiu em liberdade do primeiro julgamento em 1991 e do segundo julgamento em 1996, apesar da condenação.

Em 1998, Maria da Penha, o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) denunciaram o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Após anos de omissão, em 2001 o Estado brasileiro foi responsabilizado por negligência e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras, recebendo recomendações da CIDH para realizar reformas de modo a assegurar a preservação dos direitos das mulheres nos processos judiciais, oferecendo o amparo necessário e indenizações às vítimas. Após tramitação no Senado Federal, a Lei Maria da Penha foi assinada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É a partir desse momento que mais políticas públicas em relação ao problema da violência contra a mulher são consolidadas.

Entretanto, é preciso ressaltar que, seguindo a lógica do *backlash*⁵ agenciado pelos movimentos neoconservadores, a garantia dos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+ no Brasil segue sendo um campo de disputa acirrado.



Conforme o Atlas da Violência 2025, apesar de uma redução geral nos homicídios, o país ainda enfrenta um cenário preocupante de violência contra mulheres e pessoas LGBTQIA+. No biênio 2023–2024 houve um aumento de casos de feminicídio, com as mulheres negras sendo as principais vítimas (Ipea, 2025, p. 29, 31). A maioria desses casos ocorre no ambiente doméstico, praticada por parceiros ou ex-parceiros (Ipea, 2025, p.31–33). Em relação à população LGBTQIA+, apesar da subnotificação, os registros de violência contra pessoas transsexuais e travestis apresentaram um aumento significativo (Ipea, 2025, p. 76).

Assim sendo, a abordagem utilizada por Panmela Castro em seu projeto nos auxilia a entender o cenário evidenciado por esses dados por uma perspectiva de sobrevivência e de luta, priorizando as experiências de mulheres negras. É o caso do retrato da escritora e poeta Tatiana Sant'Ana (Imagem 2), cujo testemunho relata o fim de um relacionamento e um ciclo de abusos e ameaças.



Imagem 2. CASTRO, Panmela. *Tatiana Sant'Ana*, 2023. Série *Retratos Relatos*. Díptico. Óleo sobre linho e impressão sobre papel, 120 x 90 x 8 cm Fonte: <https://www.panmelacastro.com>

Ela conta sobre as dificuldades do processo de denúncia, incluindo a estigmatização, mas enfatiza que sua busca era por segurança para si e sua filha. A narrativa detalha o uso de ferramentas de apoio e proteção, como o Ligue 180 e o site Maria da Penha Virtual - Medida Protetiva RJ, que facilitou a renovação de sua medida protetiva. Tatiana também menciona o apoio psicológico recebido de um Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) e a camada adicional de complexidade por ser uma mulher negra, enfrentando o racismo além da violência de gênero. Apesar de um processo exaustivo e marcado por diversas formas de violência institucional, ela destaca a arte como um meio de cura e a importância de expor suas vivências para alcançar a liberdade e inspirar outras mulheres.

A beleza e a dignidade dos retratos também não deve ser ignorada, apresentando um forte contraponto sobre como vítimas e sobreviventes são vistas e culpabilizadas



pela sociedade. As pinturas também são acompanhadas por narrativas que demonstram a importância do apoio mútuo entre mulheres e a construção de comunidades baseadas em respeito e afeto. É o caso da atriz e pedagoga Wescla Vasconcelos (Imagem 3), que relata uma infância e adolescência marcadas por diversas formas de violência, incluindo abuso sexual.

A narradora destaca a importância do apoio de sua mãe, que, apesar de suas próprias experiências com violência doméstica, a ensinou a identificar e reagir a situações de abuso, e do Conselho Tutelar, onde recebeu apoio e orientação. A busca por conhecimento também é enfatizada por Wescla, que narra que seu gosto pelos estudos a fez se engajar no ativismo, graduar em psicologia e mudar para o Rio de Janeiro. No Rio, se aproximou de suas principais referências, outras pessoas transgênero e travestis, criando uma rede de apoio através da Casa NEM, o primeiro abrigo LGBTQIAPN+⁶ do Brasil.

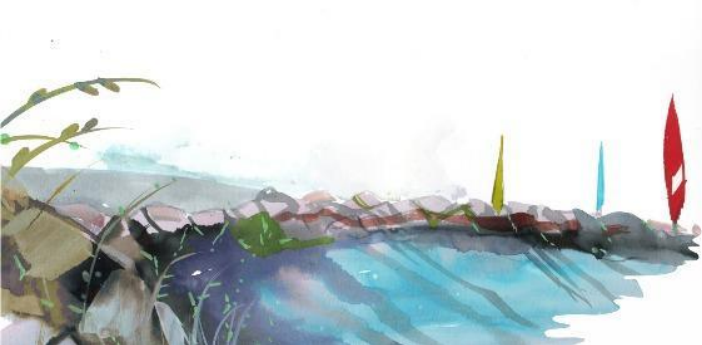
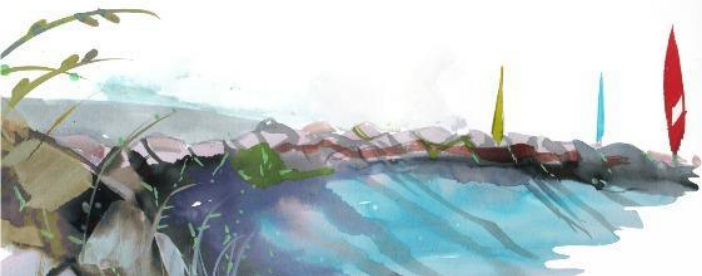


Imagem 3. CASTRO, Panmela. *Wescla Vasconcelos*, 2023. Série *Retratos Relatos*. Díptico. Óleo sobre linho e impressão sobre papel, 120 x 90 x 8 cm Fonte: <https://www.panmelacastro.com>

Retratos Relatos se assemelha a outros projetos de artistas feministas que combinam a união de retratos com narrativas pessoais sobre experiências com as diferentes violências de gênero. Em *It's All In My Head*, iniciado em 2018, a fotógrafa e artista visual nigeriana Etinosa Yvonne (1989) aborda questões de trauma, memória e cura, especialmente em relação a mulheres sobreviventes de conflitos e guerras. Capturando retratos íntimos e, por vezes, visualmente abstratos de sobreviventes de terrorismo e de casos extremos de conflito e crueldade na Nigéria. Utilizando a fotografia como ferramenta para iniciar conversas, ela coleta depoimentos que exploram não somente os fatos ocorridos, mas os mecanismos de enfrentamento adotados por mulheres e meninas. O projeto busca conscientizar sobre efeitos prolongados de conflitos e episódios de violência extrema, advogar por um maior acesso a apoio psicossocial de longo prazo, e, principalmente, honrar

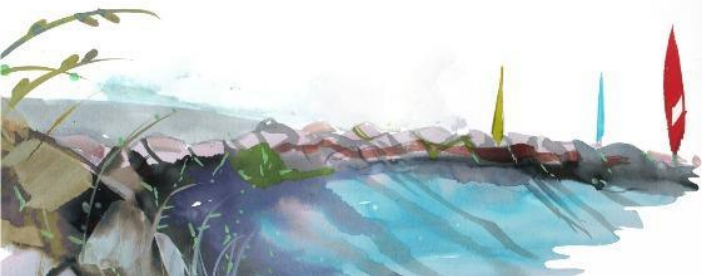


a força e a dignidade das sobreviventes.

Outro projeto idealizado a partir da experiência pessoal e da coleta de depoimentos é *Stop Telling Women to Smile*, da artista estadunidense Tatyana Fazlalizadeh (1985, Oklahoma City). Iniciado em 2012 com o intuito de discutir e subverter as percepções machistas sobre mulheres e pessoas não binárias no espaço público, após reflexões da artista sobre suas próprias experiências com o assédio. O projeto consiste em uma série de retratos, acompanhados de trechos de relatos e o que as participantes gostariam de falar para seus assediadores, transformados em pôsteres ou murais. Tatyana entrevista mulheres, cis e transgênero, e pessoas não binárias sobre suas experiências com assédio em espaços públicos e desenha os retratos a partir das fotografias. A diversidade dos relatos permite que Fazlalizadeh analise os diferentes aspectos que contextualizam e se interseccionam nos episódios de assédio.

A fotógrafa argentina Eleonora Ghioldi (1972, Buenos Aires) trabalha a partir de premissas similares em *Guerreiras*, projeto iniciado em 2011 a partir de conversas de Ghioldi com três amigas que lhe confiaram suas vivências pessoais de violência sexual. O projeto, constituído por uma série de retratos acompanhados de testemunhos escritos e sonoros, foi se expandindo ao longo do tempo. São retratadas, majoritariamente, mulheres cis e trans de diferentes idades e recortes raciais, abrangendo diferentes vozes e perspectivas. Ghioldi as fotografa em suas casas durante um processo de escuta sensível de modo a capturar sua individualidade, vulnerabilidade, dignidade e força. O tema também foi expandido, sendo inseridas questões que vão além da violência sexual, mas que também são perpassadas por ela. Passando a incluir epidemia do feminicídio na América Latina, esterilização forçada e desaparecimentos durante o período da ditadura civil-militar na Argentina, mas também em tempos de democracia.

Vulnerabilidade e Dororidade



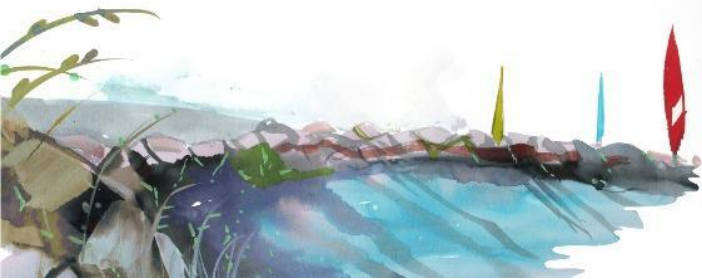
A produção artística de Panmela Castro é informada pelo conceito de *Dororidade*, essencial na discussão sobre a série *Retratos Relatos*. Criado pela professora, escritora e ativista feminista antirracista brasileira Vilma Piedade, é uma resposta ao conceito limitado de sororidade comumente utilizado por setores do feminismo branco para apaziguar desavenças e o sentimento de competição entre mulheres na busca de uma ascensão hierárquica. Essa diferença é explicada pela autora:

Dororidade. Sororidade. A Sororidade ancora o Feminismo e o Feminismo promove a Sororidade. Parece uma equação simples, mas nem sempre é assim que funciona. Apoio, união e irmandade entre as mulheres impulsionam o Movimento Feminista. Mas, podem surgir questões como: O conceito de Sororidade já dá conta de Nós, Jovens e Mulheres Pretas... ou não? O caminho que percorro nessa construção conceitual me leva a entender que um conceito parece precisar do outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta. (Piedade, 2020, p.13)⁷.

Ou seja, o conceito coloca em questão a suposta homogeneidade da luta feminista, baseado em um perfil de mulher branca e de classe média, ou seja, excludente. O que Vilma ensina através de seu diálogo teórico com Lélia Gonzalez e Angela Davis é que raça é um determinante de classe social, determinante para a imposição de violências e ausências. Piedade fala de um lugar-ausência determinado pelo racismo, a invisibilidade do “não ser, sendo” (Piedade, 2017, p.17). E, ao refletir sobre os dados acerca do feminicídio e da violência doméstica no Brasil, essa invisibilização e silenciamento ficam bastante óbvios.

Nesse sentido, o trabalho de Castro prioriza experiências e pontos de vista que ainda são pouco visibilizados. Para a artista (Castro, n.d.) ao compartilhar suas histórias, as pessoas retratadas estão transformando sua dor em encorajamento para outras pessoas e reforçando a importância das estratégias de mobilização para prevenir e confrontar a violência. Ainda sobre a dororidade:

Agora, voltando ao conceito, ou parte dele, surge outra questão – Será que a Dor une todas as Mulheres? Lembra-se de quando Eva instigou Adão a comer a maçã, lá no Paraíso? A culpa de Eva, de ter feito a Humanidade cair em “pecado” e perder o “paraíso”, nos acompanha há milênios. É nesse ponto que a Dororidade se instaura

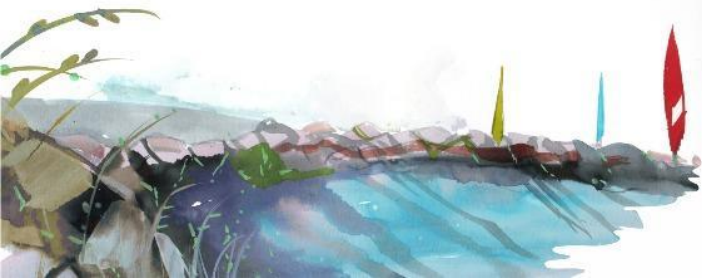


e percorre a trajetória vivenciada por Nós, População Preta, e, aqui, em especial, Nós – Mulheres – Mulheres Pretas. Brancas, de Axé, Indígenas, Ciganas, Quilombolas, Lésbicas, Trans, Caiçaras, Ribeirinhas, Faveladas ou não, somos Mulheres. (Piedade, 2020, p. 15).

Mas essa dor relacionada ao ser mulher, ou uma dissidência de gênero perpassada pelo feminino, é, de acordo com Rita Segato, resultado do processo de manutenção de um sistema de poder e exploração a partir de um “mandato da masculinidade” (Segato, 2016, p.18). A antropóloga argentina, em sua análise da violência sexual como ferramenta dessa estrutura, aponta que outros tipos de agressão, desde as mais silenciosas, como a violência psicológica, até o extremo do feminicídio operam um controle dos corpos desobedientes a esse mandato. Discorrendo sobre essa gama de violências, cuja persistente ameaça também serve como dispositivo de silenciamento, observa:

[...] as agressões que as mulheres sofrem na violência diária, nos abusos do lar, e nas novas formas informais de guerra são o termômetro que nos permite diagnosticar as transições históricas da sociedade como um todo. É por isso que devemos ser capazes de reivindicar a restituição da plenitude ontológica dos espaços da vida feminina e a capacidade e o direito das mulheres de falar ao público a partir de sua parcialidade (Segato, 2016, p. 95, tradução nossa).

Segato também comenta sobre o lema feminista da década de 1970 que afirma que “o pessoal é político”, refletindo sobre os poucos casos em que o mote se traduziu em leis e nas políticas públicas. E atenta para a necessidade de diferentes abordagens em relação à esfera pública, já que ela é centralizada no sujeito masculino e “a estrutura expropriadora e violenta de gênero não cedeu em lugar nenhum” (Segato, 2016, p.95). Então, para desestabilizar essa ordem e escapar de seu controle, o caminho seria mediante uma “pluralização de mundos” (Segato, 2016, p. 96). Essa pluralização de mundos é possibilitada pela compreensão e valorização de diferentes experiências, pelo diálogo e o uso de uma abordagem interseccional. Essas características se fazem presente em *Retratos Relatos*, articulando diferentes realidades para criar uma poética colaborativa de resistência. A colaboração entre pessoas de origens diversas, mas perpassadas pelo fio comum das violências em seus diferentes níveis, também foi analisada pela cientista política

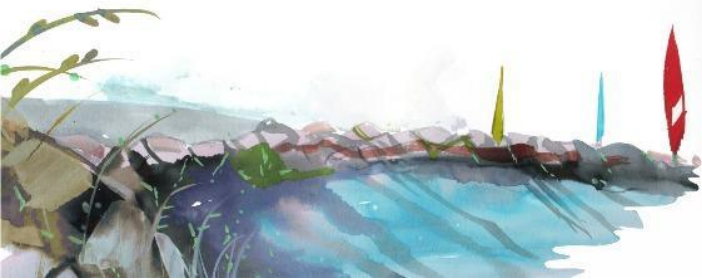


argentina Verónica Gago em sua análise sobre as mobilizações feministas. A teórica afirma que “[...] as violências contra o corpo das mulheres e os corpos feminizados são lidas a partir de uma situação singular—o corpo de cada uma—, para então produzirem uma compreensão da violência como fenômeno total” (Gago, 2020, p. 98). Ao focar na singularidade do corpo e suas trajetórias, é possível acessar e localizar como a violência se manifesta, é reconhecida e combatida. Essa perspectiva enraizada permitiria um questionamento que atravessa diversos espaços sociais, do familiar ao público, ancorando a análise da violência em sua materialidade e corporificação. Esse processo seria, então, um método possível para quebrar a lógica do isolamento imposta às vítimas. Segundo Gago:

Conectar as violências implica extravasar os confins da “violência de gênero” para vinculá-la às múltiplas formas de violência que a tornam possível. Desse modo, saímos do lugar de puras vítimas — no qual desejam que permaneçamos — para inaugurar uma palavra política que não apenas denuncia a violência contra o corpo das mulheres, mas que também abre a discussão sobre outros corpos feminizados e, mais ainda, se desloca de uma única definição de violência (sempre doméstica e íntima, portanto confinada) para entendê-la em relação a um plano de violências econômicas, institucionais, laborais, coloniais, etc (Gago, 2020, p.47).

Podemos entender esse processo de deslocamento do lugar de “puras vítimas” como parte da narrativa desenvolvida por Panmela Castro em conjunto das participantes da série *Retratos Relatos*. Além de perpassada pela dororidade, a prática artística em questão depende de outro fator, a vulnerabilidade que permite a dinâmica sensível de narrar e absorver experiências de violência e sobrevivência. Uma vulnerabilidade compartilhada que se transforma em narrativas de resistência. Judith Butler (2016, p.25) propõe que interpretemos a vulnerabilidade como parte do movimento de resistência e não como uma característica de passividade oposta à autonomia e à ação. A filósofa comenta que, em oposição ao lugar de impotência e dependência paternalista das instituições (Butler, 2016, p. 22), afirmando com suas coautoras que:

Em algumas vertentes do feminismo, a vulnerabilidade tem sido encarada como um valor na teoria e na política feminista. Feministas de diferentes vertentes há muito tempo defendem um sujeito relacional como forma de contestar principalmente as formas liberais



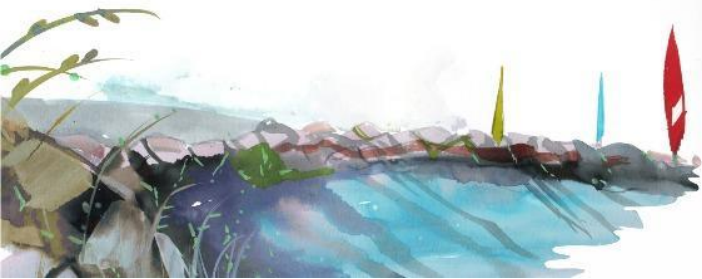
de individualismo, implicadas como estão nos conceitos capitalistas de autointeresse e nas fantasias masculinas de domínio soberano (Butler, Gambetti, Sabsay, 2016, p. 3, tradução nossa)

Apontando para um caminho coletivo no enfrentamento das violências, as autoras afirmam que “a vulnerabilidade é parte da resistência, manifestada por novas formas de intervenções políticas corporificadas e modos de aliança caracterizados pela interdependência e ação pública” (Butler, Gambetti, Sabsay, 2016, p.7). Sabemos que a vulnerabilidade de mulheres da comunidade LGBTQIA+ é desproporcionalmente produzida e distribuída social e politicamente pelas estruturas de poder sob o neoliberalismo e as condições de austeridade, bem como a violência de estado, todas operando sob o “mandato da masculinidade” (Segato, 2016, p. 18). Mas, analisando o trabalho de Panmela Castro, podemos ver um exemplo de como essa vulnerabilidade é mobilizada para desenvolver dinâmicas de agenciamento e resistência coletiva.

Considerações Finais

A série *Retratos Relatos* (HerStory) pode ser lida como uma intervenção artística que transcende a representação visual, “consolidando a união entre a representação visual e o testemunho oral” (Castro, n.d.), alinhada a um arcabouço teórico e prático de ativismo feminista. Ao empregar uma abordagem colaborativa que prioriza a escuta ativa e a vulnerabilidade (Butler, 2016), a artista estabelece um espaço para a emergência de narrativas de sobrevivência à violência de gênero.

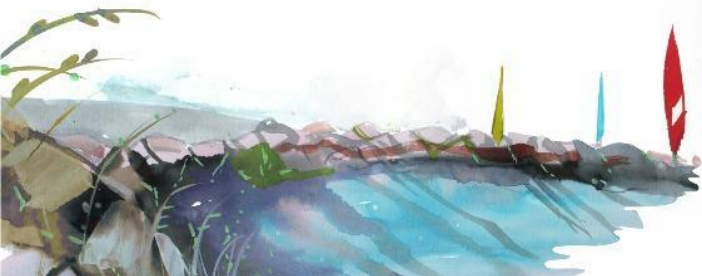
Nossa análise procurou evidenciar como a articulação da dor e da resistência, fundamentada no conceito de dororidade (Piedade, 2020), permite que as experiências individuais de violência sejam compreendidas como um fenômeno coletivo. A inclusão de múltiplos relatos, com destaque para a vivência de mulheres negras e pessoas LGBTQIA+, expõe as interseccionalidades da violência de gênero e a complexidade das estruturas de poder que a sustentam, conforme apontado por Rita Segato (2016) e Verónica Gago (2020). A artista valida e empatiza com a dor de suas retratadas, transformando-a em um ponto de partida para a conexão e a resistência. A obra de Castro ilustra a tese de Piedade de que, embora a dor possa



não unir todas as mulheres de forma homogênea, ela é um elemento fundamental na construção de uma solidariedade mais inclusiva e potente, especialmente para aquelas que vivenciam as violências mais severas e invisibilizadas. As histórias de Dr.^a Cristina Lopes Afonso, Tatiana Sant'Ana e Wescla Vasconcelos ilustram a diversidade de manifestações da violência e a importância dos mecanismos de apoio e denúncia, bem como da construção de redes de solidariedade.

Em consonância com o trabalho de outras artistas feministas como Etinosa Yvonne, Tatyana Fazlalizadeh e Eleonora Ghioldi, Panmela Castro demonstra o potencial da arte como ferramenta de visibilidade, denúncia e empoderamento. A série *Retratos Relatos* não apenas expõe as violências sofridas, mas também celebra a capacidade de superação e a agência das pessoas retratadas, subvertendo a lógica da vitimização, apresentando as sobreviventes em retratos que ressaltam sua dignidade. A vulnerabilidade, neste contexto, é ressignificada como um elemento de força e conexão, impulsionando a construção de resistências coletivas e a “pluralização de mundos” (Segato, 2016, p. 96).

Assim, o projeto de Panmela Castro reforça a importância de abordagens que permitam a emergência de vozes silenciadas e o questionamento das lógicas patriarcais e coloniais que perpetuam a violência de gênero. A série *Retratos Relatos* também contribui para o debate sobre os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA+ no Brasil, direitos que são constantemente ameaçados e precarizados, instigando reflexões sobre como a arte pode ser um vetor de transformação social e reconhecimento da dignidade humana. Demonstrando como tanto a dororidade quanto a vulnerabilidade podem ser catalisadores para a construção de um espaço de reconhecimento, cura e mobilização política. A obra de Panmela Castro reforça que, ao acolher a dor compartilhada e abraçar a vulnerabilidade, é possível desestabilizar as estruturas de violência e fomentar uma agência coletiva transformadora.



Referências

- BUTLER, Judith. Rethinking vulnerability and resistance. In: BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. (Eds.). *Vulnerability in resistance*. Duke University Press, 2016. p. 12–27.
- BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. Introduction. In: BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. (Eds.). *Vulnerability in resistance*. Duke University Press, 2016. p. 1-11.
- CASTRO, Panmela. HerStory. 2025. Disponível em: <https://www.panmelacastro.com/artworks/categories/5-herstory/>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). A dor da mulher: Cármen Lúcia escuta as vítimas da violência doméstica. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/perfil/>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- FAZLALIZADEH, Tatyana. *Stop Telling Women to Smile: Stories of Street Harassment and How We're Taking Back Our Power*. Oakland, CA: Seal Press, 2020.
- GAGO, Verónica. *A potência feminista: Ou o desejo de transformar tudo*. Tradução de I. Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- GHIOLDI, E. Site oficial da artista. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.eleonoraghioldi.com>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da Violência 2025*. Brasília, DF: Ipea; São Paulo, SP: FBSP, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- PIECADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nos, 2020.
- PORTAL DA ALEGO. De vítima a defensora da mulher. Em entrevista à TV Alego, Dra. Cristina fala como transformou dor em ação a favor das mulheres. [S. l.], 2023a. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/133689/de-vitima-a-defensora-da-mulher-em-entrevista-a-tv-alego-dra-cristina-fala-como-transformou-dor-em-acao-a-favor-das-mulheres>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- SEGATO, Rita L. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.
- YVONNE, Etinosa. *It's All In My Head*. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.etinosayvonne.me/its-all-in-my-head>. Acesso em: 2 jun. 2025.

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuindo título de mestre em Artes Visuais pela mesma instituição com a dissertação *Nos Queremos Vivas: arte contemporânea sobre feminicídio no Brasil e no México*. Pesquisa as interseções entre arte, feminismos e práticas sociais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6409773933136984> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7471-8582>

³ A Rede NAMI é uma organização brasileira que atua na promoção dos direitos das mulheres e no combate à violência de gênero, utilizando a arte urbana como ferramenta de transformação social. A iniciativa capacita



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

mulheres, meninas, e pessoas LGBTQIA+ por meio de oficinas de grafite e outras expressões artísticas. Além de promover a conscientização sobre as diversas formas de violência e fortalecer a autonomia feminina e dissidente de gênero. A Rede a NAMI já foi homenageada pela 12ª Bienal da UNE (2021), premiada pelo The WE Empower UN SDG Challenge – Vital Voices (2021), finalista do Prêmio Atitude Carioca, na categoria “Quem faz diferente” (2021) e indicada para o 3º Prêmio seLecT de Arte e Educação (2020).

⁴ Lei nº 11.340/2006.

⁵ O conceito de *backlash*, popularizado por Susan Faludi em seu livro *Backlash: O ataque não declarado contra as mulheres americanas* (1991), refere-se a uma reação cultural e política conservadora contra o avanço dos direitos e da autonomia das mulheres. Faludi argumenta que, cada vez que as mulheres conquistam maior igualdade, há uma contraofensiva social que tenta desqualificar essas vitórias, culpando o feminismo pelos problemas enfrentados pelas mulheres. Esse movimento regressivo manifesta-se por meio de narrativas midiáticas, políticas e sociais que buscam reforçar estereótipos tradicionais e minar a libertação feminina, apresentando a independência como fonte de infelicidade ou fracasso. Em essência, o *backlash* é uma forma de repressão que surge quando o *status quo* patriarcal se sente ameaçado.

⁶ A diferenciação da sigla ao longo do texto se deve ao uso que cada organização ou documento citado faz.

⁷ A citação foi retirada como está no livro Dororidade, mantendo sua estrutura original de acordo com a escrita da autora em pretuguês.